

A LINGUAGEM DO POVO KARITIÂNA

Eliana Cristina Scheuer
Marilene Silvestre Monteiro Jucá
Nelza Ribeiro Galvão
Rossilena Marcolino de Souza

INTRODUÇÃO:

Inicialmente, através de pesquisa bibliográfica, procuramos ter uma visão geral da linguagem indígena, das suas raízes, fatores e consequências que fizeram com que a linguagem indígena se perdesse no tempo, chegando à extinção de muitas.

Num aspecto mais aprofundado passamos a descobrir que, por estar mais próximo e em convivência com o povo branco, a história e a linguagem do povo Karitiâna está se perdendo.

O trabalho foi realizado através de estudos, vídeos e contatos pessoais da equipe com alguns índios, num diálogo bastante tímido, mas onde conseguimos captar a descrença e desesperança de alguns; a luta desesperada de outros, que tentam recuperar tudo o que está se perdendo, como nos afirma Orlando Karitiâna: "Eu quero ser índio, caçar, pescar, morar no mato, porque eu sou de lá. É triste ver índio que não quer mais ser índio, que come como branco, fala como branco, que quer ser como branco, e até morar na cidade, como branco".

Desejamos também que este trabalho seja um alerta para uma maior conscientização da problemática indígena, não só em Porto Velho, mas em todo o Estado de Rondônia, e que aconteça um despertar para a luta em defesa da sobrevivência dos povos indígenas em todos os aspectos: sociais, culturais, econômicos e educacionais e históricos.

1.0 - AS LÍNGUAS INDÍGENAS

Os índios do Brasil não são um povo; são muitos povos diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e

costumes próprios com habilidades tecnológicas, atitudes, crenças religiosas, organização social e filosofia que lhes são próprios e resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. Distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas.

Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social do meio em que tradicionalmente eles vivem. Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem. Capacidade esta que é desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e propriedades que, presentes em todo homem, facilitam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua, sempre que exposta ao contato com falantes dessa língua. Da mesma forma que permitem a qualquer adulto, com maior ou menor esforço, aprender línguas diferentes da sua própria.

A história das línguas indígenas no mundo tem sido uma história de sucessivas multiplicações ocasionadas pelas divisões das comunidades, os distanciamentos no espaço geográfico, fazendo com que perdessem o contato entre si e o desaparecimento da necessidade de ajuste na comunicação e conseqüentemente, as alterações linguísticas. Estas vão se tornando cada vez mais frequentes e mais diferenciadas, conforme vão ocorrendo e se processando novas divisões e mudanças geográficas. Mesmo assim, algumas línguas, embora basicamente diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem o reconhecimento da língua anterior. A presença destes elementos comuns vai diminuindo com o tempo, o que faz com que encontremos casos em que é difícil mostrar que duas ou mais línguas provém de uma só língua mais antiga.

Fala-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas exatamente não se sabe, mesmo porque é muito difícil contar, pois quando se adquire um conhecimento razoável das línguas, ainda surgem problemas como a definição de língua em contraposição ao dialeto, ou a distinção entre o antigo e o

moderno. Compare-se no caso: Latim e Português são a mesma língua?

É provável que na época da chegada dos primeiros europeus no Brasil, há quase 500 anos, o número de línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. A redução teve como causa maior o desaparecimento dos povos em consequência do extermínio e da caça aos escravos. O maior número destas línguas desapareceu nas áreas que foram colonizadas há mais tempo. Por exemplo uma linha imaginária traçada de São Luiz do Maranhão, ao norte, até Porto Alegre, ao sul, passando por perto de Brasília, no centro, deixa a oeste a área onde sobrevivem as línguas indígenas e a leste a área onde elas se extinguiram, quase sem exceção. As exceções são apenas três: as línguas Yate, dos índios Fulniô, ao sul de Pernambuco; a língua dos índios Maxakabé, no nordeste de Minas Gerais; e a língua dos índios Xokleng em Ibirama, a oeste de Blumenau em Santa Catarina.

Destas línguas desaparecidas, apenas três foram documentadas de forma mais ou menos ampla, mas o número maior desapareceu sem que nada fosse registrado.

A língua indígena tradicionalmente mais conhecida dos brasileiros é a Tupinambá, que foi a língua predominante nos contatos entre os portugueses e os índios nos séculos XVI e XVII e que tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul, e na ocupação da Amazônia no norte. Seu uso foi tão geral no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos proibindo seu uso. E uma das consequências da prolongada convivência do Tupinambá com o Português foi a incorporação de um considerável número de palavras daquele a este último. Numa amostra, de pouco mais de 1000 nomes brasileiros populares de aves, cerca de 350 nomes são oriundos do tupinambá.

As línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons em que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na consti

tuição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica).

Aqui muitos exemplos poderiam ser dados, mas como é só uma apresentação das línguas indígenas a nível geral, fica para um estudo mais aprofundado posteriormente.

Cada língua indígena brasileira não só reflete aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. As múltiplas visões de mundo dos povos indígenas brasileiros - com todo o complexo cultural, social e emocional a elas associado - têm importante crítica para o conhecimento humano por se terem desenvolvido durante alguns milhares de anos, com total independência histórica em relação às tradições culturais, asiáticas e européias, que caracterizam a civilização ocidental.

2.0 - O POVO KARITIÂNIA

2.1 - Aspectos históricos e geográficos.

O grupo vive na área do Posto Indígena Nacional (PIN) Karitiânia, localizado no Estado de Rondônia, a 95 km de Porto Velho, pela BR 364 que liga esta cidade a Guajará-Mirim, abrangendo uma área de 89.698 ha., com a situação de terra homologada. Sua população está em torno de 136 índios.

O primeiro contato com não índios aconteceu no final do século XVIII. Entretanto, conseguiram se manter isolados assim até o início do século XX, quando foram alcançados por caucheiros e seringueiros que dizimaram parte do grupo e os mantiveram sob regime servil de exploração durante muitos anos.

A proteção ao grupo foi iniciada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que fundou o Posto de Assistência que existe até hoje. Suas terras, depois de demarcadas pelo Governo,

permanecem invioladas, apesar da proximidade de Porto Velho, e o grupo não tem tido problemas com invasões de terra. Mas alguns índios têm reclamado que o governo está querendo de volta um presente que ele já deu, no caso, as terras demarcadas.

Este povo foi submetido a um processo de evangelização pela SUMMER. Os missionários formaram índios pastores e construíram um templo na aldeia. Atualmente este serviço está suspenso. Quanto à educação, são colocados lá pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pelo governo, professores brancos para ensinar o português para adultos e crianças, sem nenhuma metodologia, treinamento, ou mesmo tentativa de inculturação. Atualmente estão sem professor. O que lá estava foi mandado embora pelo povo, porque castigava fisicamente as crianças.

A comunidade possui dois caciques e um pajé. Cultivam a roça onde plantam arroz, milho, mandioca, banana; criam alguns animais de pequeno porte como galinha, porcos, patos. Praticam a poligamia.

A aldeia do povo Karitiâna é muito bonita. Um pequeno rio (Sapatí, afluente do Madeira) separa a aldeia em duas partes, ficando de um lado as "estruturas" da FUNAI: casa do chefe de posto, enfermaria, escola e cantina. E no outro lado as casas dos índios, onde já é constatada uma arquitetura não muito original, e, em algumas casas, já estão presentes alguns utensílios domésticos como fogão a gás, armários, mesas e cadeiras, copiados da sociedade branca. Muitos índios já estão integrados nos costumes dos brancos, a tal ponto de começarem a mudar-se para a cidade, com esposa e filhos. Enquanto isso, outros lutam por um retorno às raízes, tentando resgatar usos e costumes e mitos, mas principalmente resgatar a linguagem da tribo.

2.2 - O tronco linguístico.

O povo pertence à família linguística Arikém, do tronco Tupi. Até hoje poucos estudos foram feitos sobre a língua Karitiâna, com exceção de um pequeno dicionário, através de es

tudos do SUMMER Institute of Linguística, que também foi interrompido na letra T, após a palavra tórax.

No quadro abaixo temos uma amostra de palavras que fazem parte da evidência que temos do parentesco linguístico dentro do tronco Tupi. As línguas comparadas são o Tupinambá (Tb) da família Tupi-Guarani; o Mundurukú (Mu), da família Mundurukú; o Karitiâna (Ka), da família Arikém; o Tuperi (Tp), da família Tupari; o Gavião (Ga), da família Mondé.

	Tb	Mu	Ka	Tp	Ga
01. mão	po	by	py	po	pabe
02. pé	py	i	pi	tsito	pi
03. caminho	pe/ape	e	pa	ape	be
04. eu	ixe	on	yn	ou	oot
05. você	eue	en	an	eu	ëet
06. mãe	sy	xi	ti	tsi	ti
07. pesado	posyi	poxi	pyti	potsi	patii
08. marido	men	itop	mana	men	met
09. onça	iawar	wida	omaky	ameko	neko
10. árvore	'yb	'ip	'ep	kyp	'iip
11. cair	'ar	'at	'ot	kat	'al

Mais importante que a semelhança entre as palavras para o mesmo conceito em diferentes línguas como prova de origem comum, é a regularidade nas correspondências de sons. Note-se como em Karitiâna a vogal O das demais línguas corresponde sistematicamente a vogal Y (em 1, 4, 7 e 9); a vogal E das outras corresponde em Karitiâna a vogal A (em 3, 5, 8 e 9); a vogal Y do Tupinambá corresponde a vogal I no Karitiâna. Num estudo mais aprofundado pode-se facilmente identificar outras correspondências sistemáticas entre cada par de línguas comparadas.

O quadro dá uma idéia de que as línguas do tronco Tupi são muito mais parecidas entre si do que elas realmente são. Há também palavras que diferem completamente de língua para outra língua, como, por exemplo, o termo "homem": Tb é apyab, e Ka é taso. Isto se explica na busca de uma língua ancestral comum que poderia ser chamada Proto-Arikém, e que admite a exis-

tência de uma mesma raiz.

A tribo Karitiâna, hoje com cerca de 110 falantes, se tornou o único representante da família Arikém. As outras línguas dessa família, de que se tem notícias, o Arikém e o Kabi-xiâna, já estão extintas e são conhecidas apenas através de relação de palavras.

Por falta de informações, e para um maior entendimento sobre a linguagem dos Karitiâna, partiu-se para uma pesquisa de campo, tentando através de entrevistas e gravações um maior aprimoramento das informações.

CONCLUSÃO:

Diante disto, vimos que a linguagem do povo Karitiâna está se perdendo no tempo, dando lugar a uma nova língua, que podemos chamar de Português-Karitiâna, por não ser nem uma nem outra, mas formando uma mistura das línguas; que eles chamam de gíria.

A educação bilíngue na escola, com a ajuda dos índios mais idosos, seria o ideal para que as crianças e os mais jovens aprendam a linguagem do próprio povo.

Os Karitiâna têm condições de voltar a falar fluente-mente a sua língua, mas é preciso que haja pessoas que se disponham a um treinamento e processo de acompanhamento, convivendo com eles (na aldeia), tentando fazer com que sintam a necessidade e a importância de resgatar os traços linguísticos da família Arikém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. HUGO, Vitor. Desbravadores. 2º volume. Ed. Missão Salesiana de Humaitá - Am., 1959.
2. RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Línguas brasileiras. Ed. Loyola São Paulo, 1986.

3. Relatórios CIMI - Regional Rondônia.

4. Jornal PORANTIM. CIMI. Brasília - DF., 1980.

A N E X O I

Entrevista com Orlando Karitiâna

1. O que o povo Karitiâna perdeu em contato com o branco?

Remédio, festas de índio, a linguagem. Linguagem completa, sabe. Mas, por exemplo: eu falo, né, eu falo com a mãe. Mamãe tal, tal e tal, eu mistura a palavra com o português e assim eu fala. Tudo mundo mistura, o novato também, tudinho mistura, tudo com português, agora eu mesmo queria falar puro, e puro linguagem, sabe, eu mesmo não quero perder.

2. E os outros, já não falam mais?

Mais falá, mais falá misturado assim, assim, não sei o que, fala, fala, mistura.

3. Você com sua mãe já estão misturando?

A minha mãe, agora na parte da minha mãe, mais velho e assim, não mistura não. Mais agora, por exemplo, eu e o Nelson e assim misturamos, sabe, mas tem palavra, principalmente a palavra indígena, nós não entende mais, mais eu mesmo não entendo mais não. Antigamente a palavra de antigamente era a gíria, a gíria não, a linguagem, a palavra dele mesmo, ele tem a gíria dele, mas palavra dele mesmo eu não entendo mais, tem eu não entendo. Qui nem eu falo assim, telefone, né, não vamo ver assim, deixá eu falá, as mesa, né. Como chama o mesmo sentido, hem, de mesa. A palavra, o mesmo sentido de mesa não tem mais agora nós tem assim chamá né na minha palavra chama UMBI, né; mais agora eles antigamente falava fala diferente, mais que eu não sei não.

4. E como você poderia aprender esta linguagem de antigamente, Orlando? Quem pode ensinar pra você?

É isto qui eu tô pensando, é isso. Os mais antigos né, não sei não, não sei não, eu acho que já não vai aprendê mais, aprende nada mais não.

5. Acha que não volta mais?

Não sei, acho que não porque mesmo assim não volta de novo mais porque fica morrendo, morrendo a gente não vai mais sendo ouvida, fica assim, tudinho perdido.

6. E vocês ganharam alguma coisa no contato com o branco?

Eu gostava a festa do branco, gostava não, gosto da festa do branco.

7. Aprender a linguagem do branco foi bom pra você? No que isso ajudou?

Pra mim foi. Não ajudou nada, nada, nada, mais pra mim foi bem, quis dizer que pra mim foi bem. O português, mais eu assim, pra mim não precisa aprender muito o português, pra mim não, por mim não.

8. O suficiente pra você se comunicar?

Foi. Mais muito não, mais também eu quero aprendê mais e estudá, só isso. Eu quero ficá o professô assim como o Jesuzinho, do indígena. Qué vê, só isso, né. Mais, eu não quero eu perdê a terra que nós temo. Eu não quero perdê nada. É isso e eu não queria. Mais eu também fiquei preocupado assim também e eu fico com medo de perder essa linguagem, e eu também não quero perder e ficar muito tempo na cidade.

9. E quanto tempo você pensa em ficar aqui? Até estudar?

É, até o final, té o final do ano, num sei.

10. Depois você volta pra aldeia?

Eu voltu, voltu mesmu, tenho vontade. Quero pescá, caçá no matu.

11. Você gosta de viver no mato?

Ix: Maria. Mais dimais, mais qui aqui. É eu não quero, nunca, perdê essa terra. É difícil, difícil não eu, não tenho, não, medo de perdê, assim porque o governo quer tomar a nossa terra? Eu penso assim. Eu não vou dá esse caneta de presente e eu tem que devolvê de novo. Não mais não tem direito de devolvê mais, mesmo assim, a nossa terra é mesmo assim du governo e governu dá essa terra que nós temu, nós não pode mais devolvê a ele, ele não pode nem pegá esse caneta. Governu dá presentê depois qué tomá, não podi não. Agora eu quero trabaiá, lá é di graça dá aula, não quero não, eu não quero sê funcionário e da FUNAI, é muito enrolado. Eu quero trabiá nu governu ainda, qué estudá mais, até oitava. Mais tempo mais alguém de vocês e aqui no CIMI, sei, tá preocupado assim porque eu fico aqui na cidade, mais nada de ficá preocupado, até meu povo fica preocupado, meu pai fica preocupado, meu pai não deixa eu ficá de maneira e jeito nenhum aqui na cidade, meu pai é fogo com a genti quero que veja. Meu pai é assim, se a gente erra na vida dele, ele pode até matar é, um filho dele ainda. Se tu fazê vai morrê, não pode nem errá na vida dele. Mais ele bebe e fala. E nós somo sete irmão, sô-o mais novo, meu irmão tá casado, eu não tenho vontade de casar ainda não.

12. Como é que os mais antigos ensinaram a linguagem?

Eles ensinam. Desdi criança a gente aprendi, né, a mãe falando com a gente, fica falando, a linguagem e acostumando e mais não ensina como gente, é isto é caneta, não ensina assim. A genti antigamento contava história, agora não. A genti assim o índio, a índia fica sabe o que é portugueses muito importante que é a nossa linguagem, a pessoa antigamento não fala portugueses, não sabe falá, mãe também não fala não, só um pouquinho só, um pouquinho.

13. E como é que vocês, os mais novos, aprendem mais o português que a linguagem?

Mistura muito na aldeia portugueses e linguagem, e aqui só portugueses. Eu falo, falo a linguagem e falo gravador, pra mim é gravador já. Eu falo linguagem, falo telefone. Eu falo a

linguagem falo ventilador. Eu falo assim vai no Porto Velho eu mistura Porto Velho. Eu vou lá com este cara. Eu mistura cara. Mistura tudo. Eu falo assim: vô pegá esse cimento e mistura de novo com cimento. Nem dá pra falar. Tem muita palavra que eu não sei mais na linguagem. Antigamento tem história. Aí né pessoal não tá querendo história. O pessoal não tá contando história, é preciso escrever história deles, num tem história. Pra escrever seguinte história do Karitiâna tem que chamá o antigamento tem que sê treis antigamento, pra reprovar, porque se um falá errado tem opinião, os treis tem que falá a mesma língua, sem mudá nada pra sê correta também a história, né, não misturada. Comigo vai sê assim, cada palavra dele, escreve. Qué vê. Eu não sei história de jeito nenhum, nenhuma, meu pai não conta história.

A N A N E X O I I

Entrevista concedida por alguns índios Karitiâna ao CIMI - Rondônia, para um maior conhecimento de seus problemas na área. Extraído do Relatório do CIMI, nº BRRO 0076/71.

1. ANTENOR KARITIÂNA:

- Nós não temos problema de terra. A área foi demarcada em 1978. Nós sofremos de uma outra maneira.

- Nós fazemos os nossos roçados sem esperar pela FUNAI e vendemos os produtos das nossas roças. Falta um administrador que ajude a organizar o serviço, vigiar a terra. Tem muito arroz para colher.

- Roçamos a terra, mas às vezes "esquecemos" de plantar e vigiar a terra. A situação não é tão difícil, nem tem dificuldade de alimentação. A FUNAI não quer ajudar os índios.

- O chefe do posto da FUNAI não queria que eu ficasse na aldeia, porque ele sabe que eu ajudo o meu povo. O chefe do posto era para ser mandado para outro lugar, por ele ser mais

"adiantado". Saiu a professora e trocaram a enfermeira. Contrataram uma professora em março. Só tem a 4ª série. Na aldeia se algum índio quer estudar mais tem que vir para a cidade.

- A FUNAI faz o índio de besta, porque o índio não sabe o que é técnico. Só enganam o índio. Eu não vou deixar mais o técnico entrar na área, porque ele não sabe de nada, só engana os índios. O técnico para plantar em curva. Trabalha há um ano com os índios.

2. CIZINHO - 2º CACIQUE:

- Pedimos muita coisa, o delegado não cedeu nada. Diz que não tem dinheiro e por isso não vão mandar as coisas. Agora o problema é: meu menina morreu de pneumonia e dorzinha. Eu trouxe para a cidade, para tratar, sarou, engordou. Voltou pro mato, depois ficou com dorzinha de novo. Então trouxe de novo pra cidade e morreu. Acho que mataram, pra não ter tanto trabalho de levar pra cidade. Não esqueço isso da FUNAI.

3. SANDRINHA:

- Era pra ter ido duas vezes, mas não deu certo. Planejamos visitar a aldeia, pressões da FUNAI impediram. Aconteceu a morte do filho do Cizinho e daí nós fizemos uma amizade e ficou uns dias no CIMI. Os índios pediram para irmos pra aldeia, mesmo que a FUNAI não queira. Chegando na aldeia o povo veio encontrar.

- A aldeia é muito bonita, tem muita manga. De um lado fica a FUNAI e do outro lado fica a aldeia. São divididos entre si por uma ponte. Fica a 95 km. de Porto Velho, na BR Porto Velho a Guajará-Mirim.

- São 136 pessoas. Tem dois caciques: Garcia e Cizinho e um Pajé (José Barabadá). Criam animais para a sua alimentação. Praticam a poligamia: alguns homens tem mais de uma mulher.

- A escola é só em português. Deveria ser bilíngue. Os

professores não têm interesse em ficar com os índios. A profes_sora castiga as crianças.

- A enfermeira foi embora, a visão de saúde é muito li_mitada (treinamento da FUNAI), é muito assistencialista. Falta respeito às diferenças do povo: 8:30 hs. toca o sino, junta o povo, distribui o remédio, os comprimidos. São privilegiados e possuem dois pajés. Conhecem as plantas medicinais. Não têm ma_lária (Rondônia é estado com muita malária). Tinham alguns ca_sos de tuberculose. É um povo muito organizado e trabalhador e não tem problema de alcoolismo.

4. MANUEL:

- A área está homologada, mas uma parte fica fora: é a área rica em peixes e de terra boa. Os índios vão pescar lá. E por enquanto ainda não tem nenhuma invasão.

- A UNI é uma ameaça para a FUNAI. Os problemas estão aparecendo: venda de produtos, doenças, escola, etc. Mas se re_solvem através do contato.

5. ANTENOR - AJUDANTE DE CACIQUE:

- A FUNAI não quer ensinar os índios. Mas a FUNAI não vai ficar a vida toda com os índios. Um dia a FUNAI sai. Mas o índio ainda não aprendeu a ficar independente. Teve problemas com o delegado, acusou a FUNAI de não cumprir o seu papel de não instruir o índio. Nós vamos escolher pessoas boas pra fi-car com os índios: enfermeira, chefe do Posto. FUNAI tem medo de o índio aprender e reclamar da FUNAI. Não reclamo do nome da FUNAI e sim dos funcionários. Você (o delegado) também não presta porque não reclama dos índios.

- Sou ajudante do cacique. Fazemos reunião para procu-rar soluções, fazer o serviço mais rápido, melhor. Tudo é con-trolado por nós. Começamos a trabalhar às 8 hs. da manhã. Va-mos plantar roça, não sobra ninguém para caçar, esquecemos até de comer. Trabalhamos três dias na roça, e folgamos dois. En-tão vamos caçar e fazer artesanato. Quando chega dinheiro da

FUNAI, eles não perguntam ao índio o que ele precisa (ex. compra picolé quando nós não queremos, compra o que não precisa). Cada família cultiva 500 metros por 100 metros.

- Quero que seja incluída na área indígena a área que contém duas malocas.

6. PAULINHO:

- É preciso fazer um mapa, incluindo o território que querem incluir na área, e encaminhar para a FUNAI, explicando as razões.